

A polifonia dos gêneros textuais no ensino sobre comunicação nas organizações: possíveis experimentações na formação acadêmica pela produção de releases e crônicas¹

Boanerges LOPES²

Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, MG

Resumo

A diversidade na utilização das tecnologias impulsiona ações comunicativas na contemporaneidade e as organizações não podem prescindir de experimentações e abordagens cada vez mais criativas. Neste texto, procura-se demonstrar a possibilidade de impulsionar inovações nos ambientes organizacionais a partir da diversidade textual, com reflexões e aplicações que envolvem os gêneros textuais e discursivos e a adoção de abordagens multimodais, diante de atividades em salas de aula e em projetos associados que priorizam a utilização de releases e crônicas e formalizam produções gráfico-visuais que visam o fortalecimento da formação acadêmica e o preparo em sintonia com as perspectivas da realidade mercadológica.

Palavras-chave: gêneros textuais, ensino; crônica; release; formação acadêmica

Introdução

O embate acirrado de atores na realidade contemporânea tem gerado tensões, o que torna a possibilidade do “caos informativo” mais presente no ecossistema midiático e na realidade das organizações. No contexto de uma era polifônica – da indignação (Ramana³, 2025), do cansaço (Han⁴, 2024), do pensamento mágico (Montell⁵, 2025), do pensamento criativo (De Masi; Gambino⁶, 2025), entre outras denominações - pode ser observada a proliferação das plataformas, redes e ações comunicativas que não podem prescindir de refletir e utilizar cada vez mais criativamente a diversidade textual, com a emergência de gêneros e a adoção de abordagens multimodais. A disseminação de tecnologias tem tornado as formas de comunicação intensas,

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa 1: Ensino, Formação e Pesquisa, atividade integrante do XX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas.

² Professor Titular da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, autor de livros e coordenador de curso de especialização na Facom/UFJF. Doutor em comunicação pela UFRJ e Conselheiro da ABI. e-mail: bblopes@ufjf.br

³ Segundo o autor, vivemos em uma era marcada pela indignação e gerenciar a insatisfação coletiva deixou de ser uma habilidade necessária apenas em certas situações – como resolver crises de reputação – para se tornar tão importante quanto o pensamento estratégico ou a inteligência emocional. Para entender melhor suas ideias é indicado consultar: RAMANNA, Karthik. A era da indignação. RJ, Objetiva, 2025.

⁴ Sobre a “Sociedade do cansaço” vide ensaio do filósofo sul-coreano HAN, Byung-Chul (Petrópolis, RJ: Vozes, 2015).

⁵ De acordo com a autora, a expressão está ligada à crença de que o pensamento é capaz de manipular acontecimentos externos. Ela analisa os vieses cognitivos como o efeito halo e a falácia do custo irrecuperável, entre outros. A obra “A era do pensamento mágico”, publicada pela Roca em 2025, apresenta os detalhes das ideias da autora.

⁶ Os autores dialogam sobre uma sociedade que ainda virá, na qual será imprescindível pensar e as energias se voltarão para atividades que vão estimular a criatividade de maneira democrática. Vide DE MAIS, Domenico; GAMBINO, Giulio. Conversas sobre o futuro. RJ: Sextante, 2025.

algumas inéditas, independente da esfera, governamental, empresarial ou social. Entender e aplicar conceitos que circundam e se inserem na realidade não só amplia a capacidade de expressão, mas também fortalece a comunicação no mundo acadêmico e profissional. O desenvolvimento de uma cultura de experimentação torna-se também primordial para impulsionar inovações organizacionais.

As reflexões contidas neste texto envolvem aporte de autores que tem estimulado, do ponto de vista acadêmico, discussões em sala de aula e aplicações das atividades laboratoriais na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, conduzidas em disciplinas como Assessoria de Comunicação e Laboratório de Assessoria de Imprensa e por projetos de ensino, extensão e pesquisa, a elas associados. Com isso, gradativamente foram se desenvolvendo produções e práticas de comunicação diferenciadas, impulsionado conteúdos e formatos diversificados, principalmente de cunho experimental. Segundo Thomke (2021), a cultura da experimentação corresponde a um processo sistemático de teste de ideias que permite às organizações criar, refinar e validar suas ações. O autor define a expressão metaforicamente como aquele motor que impulsiona a inovação, transformando conceitos abstratos em soluções viáveis por meio de ciclos organizados e baseia-se em pilares com suporte de dados empíricos, humildade intelectual e curiosidade, esta última no sentido de valorizar surpresas e entender que falhas em experimentos não são erros, mas oportunidades de aprendizado valiosas que revelam o que não funciona. Por fim, a experimentação não deve ficar restrita a núcleos isolados. Thomke sugere que as organizações devem capacitar todos os colaboradores para testar hipóteses, eliminando burocracias que exigem aprovações hierárquicas para cada etapa. Um bom exemplo pode ser o uso do media training.

O aprendizado, portanto, precisou ir além da previsão inicial e continuada do currículo estruturado e iniciado a partir de 2016, e avançou para a diversidade de experiências formativas, ampliando possibilidades. Os discentes passaram a conduzir (e permanecem sendo orientados nesse sentido) ações diferenciadas de acordo com a interação entre plataformas, redes e perfis (o que para alguns constituiu-se uma experiência completamente nova), com produções envolvendo aspectos visuais e textuais de maneira interativa. Como os textos e suas formas de expressão podem ser escritas, faladas ou visuais, as atividades foram alternadas entre os produtos e ações verbais, estruturados de maneira textual e em áudio e , como artigos, crônicas, releases, notas, discursos, conversas etc e os não verbais, compostos por elementos visuais, como imagens, gráficos, ilustrações etc.

No intuito de ampliar possibilidades de exercícios com os textos houve uma aproximação com as ideias de gêneros textuais/discursivos concebida por Bakhtin (2016), já que em sua definição o gênero se constitui como possibilidade importante por tratar a organização não como um "emissor abstrato", mas como um "sujeito" que participa de um diálogo social constante. Também foram considerados nos projetos e atividades os tipos textuais, ou seja, a estrutura interna dos escritos (narração, descrição, dissertação). Os gêneros são as realizações práticas (uma crônica é o gênero, a narração é o tipo dominante). No caso, podemos afirmar com base em Bakhtin, que a comunicação institucional é essencialmente composta por gêneros secundários, como briefings, releases, pois são textos complexos que absorvem e transformam a fala cotidiana em um discurso estruturado e afinado com a lógica organizacional. Bem como a ideia do dialogismo, termo em que Bakhtin ressalta que todo enunciado espera uma resposta. O que na realidade institucional se configura como engajamento. Do ponto de vista prático, um post no Instagram ou um comunicado interno já é concebido com o intuito de prever a reação do stakeholder ou do funcionário. O texto institucional nunca é um monólogo; ele é uma peça em um tabuleiro de interações. O conceito de polifonia se inseriu no aprendizado e nas aplicações das tarefas realizadas como possibilidade inicial de reflexão, levando a uma prática orientada. Temos em qualquer organização várias vozes tensionadas (a própria área de comunicação e mais o marketing, RH, diretoria etc) que precisam se afinar para evitar desvios ou boatos. Então, o desafio foi e é trabalhar para manter o estilo (um dos pilares de Bakhtin) consistente, visando o destaque da "personalidade" (ou autoridade, persona etc) da organização para que seja reconhecida em posicionamentos por qualquer canal/meio.

Para Bakhtin, todo gênero implica em uma resposta. E a crônica responde à rigidez da vida contemporânea. De acordo com Sá (1985), a crônica impulsiona possibilidades de leitura e reflexão críticas, e ao mesmo tempo de uma produção textual mais rica, liberta de certas referencialidades, proporcionando uma maior liberdade sobre o leitor, que passa a ver novas possibilidades interpretativas. Ao mergulhar no pensamento de Bakhtin é possível inferir que a crônica é um dos gêneros mais fascinantes porque ela habita uma espécie de fronteira. Como gênero discursivo secundário (complexo, cultural e escrito), mas que transborda ou rompe com as paredes do formalismo administrativo, aponta para o frescor dos gêneros primários (algo como o bate-papo, o flamar, o olhar cotidiano). No contexto da comunicação institucional, ela surge para quebrar a frieza dos textos técnicos.

Por ser um texto que abriga várias manifestações estéticas, a crônica vai instaurar rupturas dentro do universo da linguagem: quer seja do ponto de vista linguístico, quer seja do ponto de vista temático. E o cronista reordena as leis que regem o periodismo:

atualidade, universalidade, periodicidade e difusão, ampliando o tempo da narrativa jornalística. Com isso, determina novas relações com os gêneros; não se limitando a informar ou opinar; mas construindo novos significados na própria articulação entre as várias linguagens que o cronista exercita para explicar as representações que observa ao leitor (Pereira, 2015, p. 25-26)

A escolha do gênero para os exercícios de textos do projeto permitiu seguir a tendência apontada por pesquisadores como Simon (2011) de que a crônica nos últimos anos abriu-se como espaço laboratorial para convergência de contradições, tramas, histórias da vida e dos próprios profissionais inseridos nos contextos de cada produção, expostas pelas vísceras existenciais na manifestação de sentimentos, ideias e pensamentos de pessoas, subjetividades de lugares e momentos ligados ao cotidiano das organizações profissionais e acadêmicas.



Ponderações Finais

Diante do que o processo experimental tem nos mostrado com as iniciativas trabalhadas no âmbito da Facom/UFJF, a formação deve priorizar um profissional de comunicação que deixe de ser um mero redator de textos para tornar-se um mediador estratégico da polifonia organizacional. Sob a lente de Bakhtin, sua função é a de um 'arquiteto de enunciados', ou seja, alguém que possui a sensibilidade de selecionar o gênero do discurso que melhor responde à necessidade de cada momento, compreendendo que um release técnico e uma crônica afetiva não são opostos, mas elos complementares de uma mesma cadeia comunicativa.

Incentivados também pela produção dos textos, os discentes trabalharam a partir do ponto de vista de um (a) narrador (a) - assessor (a), sintonizados com a condição de que a maneira de ver o mundo se relaciona com a forma como os acontecimentos atuam sobre ele para, depois de narrados diante do fato/ângulo/pauta escolhidos, apurados e preparados editorialmente a partir de uma perspectiva organizacional, atuarem como formuladores de

discursos direcionados aos públicos específicos. Também foram buscados o processo associativo e a criação/construção dos aspectos gráficos, a construção das imagens, na busca dos envolvidos e das organizações e seus segmentos. Com isso, houve incentivo ao lirismo reflexivo, como possibilidade de um jogo lúdico entre o sujeito e o objeto, bem como as estruturas escolhidas que interagiram para ensinar, comover e deleitar, através de relatos simples e aparentemente soltos, mas plenos de humanidade.

Sobre a coexistência de gêneros de certa maneira distintos, quanto o release e a crônica nas produções, é possível apontar que ambos revelam, na atualidade, a condição polifônica da comunicação institucional. Sob perspectiva do pensamento de Bakhtin, a eficácia de uma organização não reside na estagnação ou repetição de um único formato, mas na capacidade de transitar entre diferentes gêneros para atender a múltiplas finalidades discursivas. Enquanto o release cumpre a função de estabilizar a voz oficial perante o mercado, a crônica humaniza a identidade, transformando a frieza dos processos e ações internas em narrativas de valor. Dominar a estratégia multicanal significa entender que cada gênero é um elo em uma cadeia de diálogos; o que significa que, para ser ouvida, uma instituição precisa tanto da precisão técnica quanto da sensibilidade da história bem contada, adaptando um 'tipo de enunciado' para construir uma identidade sólida e, acima de tudo, dialógica.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

MOREIRA LIMA, Gerson. Releasmania. SP: Summus editorial, 1985.

PEREIRA, Wellington. Crônica: arte do útil e do fútil – ensaio sobre a crônica no jornalismo impresso. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

SÁ, Jorge de. A crônica. SP: Editora Ática, 1985.

SIMON, Luiz Carlos. Duas ou três páginas despretensiosas – a crônica, Rubem Braga e outros cronistas. Londrina/PR: Eduel, 2011.

THOMKE, H. Stefan. A cultura da experimentação. Como os experimentos nos negócios podem melhorar sua capacidade de inovação. SP: Benvirá, 2021.